

nova
escola

BNCC NA PRÁTICA // Geografia

BNCC.NOVAESCOLA.ORG.BR

BNCC NA PRÁTICA

Tudo que você precisa saber
sobre **Geografia**

REALIZAÇÃO:

associação

nova
escola

CO-REALIZAÇÃO:

1 FUNDAÇÃO
Lemann



Índice

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1 // O QUE MUDOU? BNCC de Geografia incentiva nova forma de ler o mundo. Entenda	4
CAPÍTULO 2 // CINCO UNIDADES TEMÁTICAS Entenda as cinco unidades temáticas da BNCC para Geografia	7
CAPÍTULO 3 // O QUE E COMO ENSINAR BNCC: o que é o raciocínio geográfico e como desenvolvê-lo com seus alunos	13
CAPÍTULO 4 // EXEMPLO PRÁTICO Confira uma atividade de Geografia que usa a Copa do Mundo para falar de imigração	17
CAPÍTULO 5 // ANÁLISE DA ESPECIALISTA Opinião: BNCC aumenta a ênfase da cidadania no ensino de Geografia	22
CAPÍTULO 6 // PARA SE APROFUNDAR “A alfabetização cartográfica eleva o nível de leitura de mapas”, diz especialista	26
CAPÍTULO 7 // DICAS PARA SUA FORMAÇÃO O que ler para se preparar para a BNCC de Geografia	30
CAPÍTULO 8 // TESTE SEUS CONHECIMENTOS Nove questões para responder e entender a BNCC de Geografia	33

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define os direitos de aprendizagens de todo aluno e aluna do Brasil. É uma mudança relevante em nosso processo de ensino e aprendizagem porque, pela primeira vez, um documento orienta os conhecimentos e as habilidades essenciais que bebês, crianças e jovens de todo o país têm o direito de aprender – ano a ano – durante toda a vida escolar. Mas ainda há dúvidas sobre esta política pública e as mudanças que ela traz. As primeiras delas: o que é a BNCC? Como ela impacta as minhas aulas? Como me preparar para colocá-la em prática? Para ajudá-lo nestas e em outras questões, a **NOVA ESCOLA**, em parceria com a Fundação Lemann, preparou uma série de e-books sobre as mudanças em cada disciplina do Ensino Fundamental e na etapa da Educação Infantil. Nosso objetivo é destrinchar as principais mudanças e concretizar a implementação da BNCC. Esse guia é o primeiro passo. Leia e converse com o coordenador pedagógico ou o diretor da sua escola. É importante que todos os professores também façam a leitura. Depois, acesse nossos cursos de formação online e planos de aula já alinhados à BNCC. Todo o material é gratuito.

CAPÍTULO 1 // O QUE MUDOU?

Entenda por que a BNCC incentiva uma nova forma de ler o mundo

Principais mudanças na aprendizagem em Geografia são o foco no pensamento espacial e no raciocínio geográfico como ferramentas para uso da cidadania

TEXTO: RITA TREVISAN

Com a BNCC, a Geografia passa a ser incorporada desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, uma mudança estrutural importante. Na nova abordagem, proposta pelo documento, a ênfase recai sobre o pensamento espacial e o raciocínio geográfico. Para se aproximar dos objetivos de aprendizagem, é preciso se apropriar de conteúdos procedimentais.

“A Base reforça a ideia da Geografia como um componente importante para entender o mundo, a vida e o cotidiano. Desenvolver nos estudantes o raciocínio geográfico, articulando alguns princípios, significa dotá-los de mais uma forma de perceber e analisar criticamente a realidade”, afirma a professora Sônia Castellar, da Universidade de São Paulo (USP).

A BNCC traz novas dimensões para a realização dessa leitura de mundo. “Antes, o estudo do componente estava mais pautado na leitura, na interpretação da paisagem e em um aluno mapeador consciente. Agora, volta-se mais para estimular um pensamento espacial, atrelado ao raciocínio geográfico”, explica a professora Thiara Vichiato Breda, doutora em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

PENSAMENTO ESPACIAL E RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO: O QUE SÃO?

Os dois conceitos citados pela professora, pensamento espacial e raciocínio geográfico, perpassam as cinco unidades temáticas que estruturam o componente. Essas cinco unidades também são subdivididas em objetos de conhecimento e habilidades (objetivos de aprendizagem). Elas permeiam toda a Base e são organizadas em uma construção progressiva dos conhecimentos geográficos, trabalhando os objetivos e conteúdos a partir de diferentes linguagens.

AS CINCO UNIDAS TEMÁTICAS SÃO:

- O sujeito e seu lugar no mundo
- Conexões e escalas
- Mundo do trabalho
- Formas de representação e pensamento espacial
- Natureza, ambientes e qualidade de vida

VEJA UM EXEMPLO:

Na prática, ao observar fenômenos planetários, de base natural, como abalos sísmicos ou mudanças climáticas, e até mesmo de base social, como um desmoronamento ocasionado pelo desmatamento das encostas, o estudante deve ter a curiosidade de entender por que aquilo acontece. É preciso estimular as crianças e jovens a pensarem de que forma o acontecimento presente está relacionado com outros ao longo do tempo, como a questão de causalidade, e com a localização, como as condições geográficas.

“É articulando esses princípios citados na BNCC que os estudantes vão emprestar sentido e lógica aos conteúdos com os quais já estavam habituados a relacionar-se”, explica o professor Laércio Furquim, consultor no Time de Autores de NOVA ESCOLA. Nessa nova perspectiva, os conteúdos não devem ser aprendidos de forma descontextualizada, mas entendidos como parte de um processo.

O especialista ressalta que a aplicação dos princípios desse raciocínio, em sala de aula, também vai preparar o estudante para perceber e questionar tudo o que se materializa no espaço. Se perguntarmos por que algo está exatamente ali, naquelas coordenadas, será necessário pesquisar

processos e identificar para que e para quem servem esses objetos construídos. O mesmo vale para locais onde não há construção. Por que não se construiu ali? Quem se beneficia desse “vazio”?

A ideia que está por trás da Base é a de que os estudantes se desenvolvem aprendendo a olhar o espaço por onde passam e vivem, captando informações diversas por meio das paisagens e dos lugares onde transitam. “Os estudos de solo, de relevo, de vegetação e de clima são importantes para entender o espaço geográfico e as formas de organização da vida. Mas é fundamental que o estudante compreenda que o espaço geográfico é constituído e configurado pelas relações entre a humanidade e a natureza, algo que a aplicação dos princípios geográficos vai facilitar”, afirma o assessor educacional.



CAPÍTULO 2 // CINCO UNIDADES TEMÁTICAS

Entenda as cinco unidades temáticas de Geografia

Temas serão trabalhados de forma progressiva durante o Ensino Fundamental. Confira os objetivos de cada um:

TEXTO: RITA TREVISAN

Cinco unidades temáticas norteiam o ensino de Geografia, segundo a Base Nacional Comum Curricular. Esses temas foram estruturados para possibilitar que o ensino do componente não seja apenas baseado na transmissão de informações ao aluno. Todos os estudantes do Ensino Fundamental devem ser incentivados a ampliar suas visões de mundo e a compreenderem de maneira crítica as relações que compõem a realidade.

ANOTE: essas cinco unidades serão trabalhadas de maneira progressiva.

1 O SUJEITO E SEU LUGAR NO MUNDO

FOCO DO APRENDIZADO – Noções de pertencimento e de identidade.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

- Ampliar as experiências das crianças com o espaço e o tempo, por meio de jogos e brincadeiras, proporcionando aprofundamento do conhecimento dos estudantes sobre si mesmos e sua comunidade.
- Permitir que as crianças percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os diferentes contextos socioculturais.
- Estimular o desenvolvimento das relações espaciais topológicas, projetivas e euclidianas, além do raciocínio geográfico, importantes para o processo de alfabetização cartográfica e a aprendizagem com as várias linguagens (formas de representação e pensamento espacial).
- Possibilitar que os estudantes construam sua identidade relacionando-se com o outro (sentido de alteridade); valorizem suas memórias e marcas do passado vivenciadas em diferentes lugares; e, à medida que se alfabetizam, ampliem a sua compreensão de mundo.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

- Expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos, considerando temas políticos, econômicos e culturais do Brasil e do mundo.
- Permitir que o estudante valorize sua individualidade e, ao mesmo tempo,

possa se situar como cidadão ativo, democrático e solidário. Que se entenda como produto de uma sociedade localizada em determinado tempo e espaço, mas também produtor dessa mesma sociedade.

2 CONEXÕES E ESCALAS

FOCO DO APRENDIZADO – Articulação de diferentes espaços e escalas de análise e de relações existentes entre os níveis local e global.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

- Estimular os estudantes a compreenderem e estabelecerem interações entre sociedade e meio físico natural.
- Conduzir os alunos a estabelecerem a articulação de diferentes espaços e escalas de análise, relações existentes entre os níveis local e global (entre sua vida familiar, seus grupos e espaços de convivência e as interações espaciais mais complexas, por exemplo).
- Promover a análise do que ocorre entre quaisquer elementos que constituem um conjunto na superfície terrestre (como os arranjos das paisagens, a localização e a distribuição de diferentes fenômenos e objetos).

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

- Expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos, considerando temas políticos, econômicos e culturais do Brasil e do cenário internacional.
- Permitir que o estudante valorize sua individualidade e, ao mesmo tempo, possa situar-se como cidadão ativo, democrático e solidário. Que se entenda como produto de uma sociedade localizada em determinado tempo e espaço, mas também produtor dessa mesma sociedade.

3 MUNDO DO TRABALHO

FOCO DO APRENDIZADO – Reflexão sobre atividades e funções

socioeconômicas e o impacto das novas tecnologias.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

- Levar os estudantes a uma reflexão sobre processos e técnicas construtivas e o uso de diferentes materiais produzidos pelas sociedades em diversos tempos.
- Proporcionar uma análise das características de inúmeras atividades e suas funções socioeconômicas.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

- Ampliar o olhar do aluno sobre o processo de produção do espaço agrário e industrial, em sua relação entre campo e cidade, destacando-se as alterações provocadas pelas novas tecnologias.
- Estimular a reflexão sobre o impacto dessas mudanças nas relações de trabalho, na geração e na distribuição de renda.
- Conduzir os estudantes no processo de compreensão das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, em relação aos variados tempos, escalas e processos históricos, sociais e étnico-raciais envolvidos.
- Possibilitar o desenvolvimento das habilidades de ler, comparar e elaborar diversos tipos de mapas temáticos, assim como as mais diferentes representações utilizadas como ferramentas da análise espacial.
- É importante que os estudantes usem esse recurso como suporte para fazer uso do raciocínio geográfico e não como um fim em si mesmo (o mapa pelo mapa).

4 FORMAS DE REPRESENTAÇÃO E PENSAMENTO ESPACIAL

FOCO DO APRENDIZADO – Ampliação gradativa da concepção do que é um mapa e de outras formas de representação gráfica, aprendizagens que envolvem o raciocínio geográfico.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

- Conduzir os estudantes, por meio do exercício da localização geográfica, a desenvolver o pensamento espacial, que gradativamente passa a envolver outros princípios metodológicos do raciocínio geográfico, como os de localização, extensão, correlação, diferenciação e analogia espacial.
- Proporcionar a alfabetização cartográfica, iniciando com o domínio da leitura e elaboração de mapas e gráficos.
- Ampliar as linguagens no estudo do componente, apresentando aos alunos fotografias, desenhos, imagens de satélites etc.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

- Possibilitar aos estudantes o desenvolvimento das habilidades de ler, comparar e elaborar diversos tipos de mapas temáticos, assim como as mais diferentes representações utilizadas como ferramentas da análise espacial.
- É importante que os estudantes usem esse recurso como suporte para fazer uso do raciocínio geográfico e não como um fim em si mesmo (o mapa pelo mapa).

5 NATUREZA, AMBIENTES E QUALIDADE DE VIDA

FOCO DO APRENDIZADO – Articulação da geografia física e da geografia humana, destacando a discussão dos processos físico-naturais do planeta Terra.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

- Desenvolver, nos estudantes, as noções relativas à percepção do meio físico natural e de seus recursos.
- Possibilitar que os estudantes reconheçam que as diferentes comunidades transformam a natureza, tanto em relação às inúmeras possibilidades de uso quanto aos impactos socioambientais.

OBJETIVOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

- Levar os estudantes a estabelecerem relações mais elaboradas, conjugando natureza, ambiente e atividades antrópicas em distintas escalas e dimensões socioeconômicas e políticas.
- Permitir que os alunos conheçam os fundamentos naturais do planeta e as transformações impostas pelas atividades humanas na dinâmica físico-natural, inclusive no contexto urbano e rural.



CAPÍTULO 3 // O QUE E COMO ENSINAR

BNCC: o que é o raciocínio geográfico e como desenvolvê-lo

Base Nacional traz recursos que devem ser usados com o objetivo de ensinar os alunos a questionarem e entenderem a organização dos espaços no mundo e no cotidiano

TEXTO: RITA TREVISAN

A principal mudança trazida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Ensino Fundamental é a ênfase na aplicação do raciocínio geográfico. Mas o que é esse conceito?

ANOTE: raciocínio geográfico significa entender o mundo, a vida e o cotidiano. Para isso, a BNCC detalha e articula os princípios pelos quais os estudantes podem ser conduzidos para pensar dessa forma.

Por exemplo: ao observar fenômenos, seja um abalo sísmico, seja um desmoronamento de terras causado pelo desmatamento, todos devem ser incentivados a ter a curiosidade de entender por que aquilo acontece. Os alunos devem pensar na questão da causalidade, da localização e das condições geográficas.

Veja os recursos que podem ser utilizados em sala de aula:

1

ANALOGIA

Os acontecimentos e os fenômenos nunca ocorrem da mesma maneira em dois ou mais lugares. Há, sim, características comuns, como por exemplo, que definem o que é um terremoto em qualquer lugar do mundo. Mas as consequências em cada lugar são diferentes graças às características de cada local. A disposição da construção de prédios, número de pessoas, mecanismos de proteção diversos e condições geológicas próprias influenciam o que acontecerá.

“Comparar um terremoto ocorrido em lugares distintos usando o princípio da analogia, por exemplo, ajuda a entender as peculiaridades de cada local e, ao mesmo tempo, as potencialidades de ocorrência de um terremoto, que pode acontecer em cada lugar. A partir dessa análise, fica mais fácil entender o fenômeno”, explica Laércio Furquim, consultor do Time de Autores de NOVA ESCOLA.

2

DIFERENCIAÇÃO

É um princípio ligado à analogia. Ajuda a entender, principalmente, as peculiaridades de cada região. Retomando o exemplo citado acima, é o raciocínio que leva a questionamentos como: por que o clima em uma região é de um jeito e em outra, de outro jeito? Nesse caso, são características locais que atuam. As regiões diferenciam-se no conjunto de características locais.

3 CONEXÃO

O espaço geográfico é uma totalidade, composto de temporalidades e espacialidades. Em aspectos naturais e humanos, os fatos estão interligados. Há várias escalas geográficas para se trabalhar o conceito: local, regional, nacional, internacional e global. Na escala local, podemos citar aspectos naturais que estão conectados: o desmatamento de uma área, por exemplo, pode afetar o assoreamento de rios, interferir no microclima regional e até provocar mudanças na fauna. “Uma mudança na política industrial de um país, por outro lado, pode afetar sua posição na Divisão Internacional do Trabalho (DIT), com consequências para a economia local. Estamos, dessa forma, aplicando o princípio da conexão”, exemplifica Laércio.

4 DISTRIBUIÇÃO

Distribuição está relacionada às características naturais e de ocupação do espaço, um princípio de raciocínio que o estudante deve se apropriar, para ler e entender o mundo de forma mais ampliada. Traz questões como: o que existe em cada lugar? Onde estão as cidades? Onde se localizam as infraestruturas, como as torres de internet? Por onde passam as estradas? Onde há serras, rios e solos férteis? Essas e outras perguntas ligadas a esse princípio são importantes para ajudar a definir o espaço.

5 EXTENSÃO

O princípio deve levar o estudante a pensar sobre o espaço, sob outra perspectiva. Nessa análise, cabem questionamentos como: um fenômeno ocorre de onde até onde? Onde começa e onde termina? Qual é o tamanho de um município? Qual é a extensão territorial de uma enchente? Até onde chega uma floresta? Quantos hectares tem um latifúndio e quantos hectares tem uma pequena propriedade camponesa?

6 LOCALIZAÇÃO

Como o próprio nome indica, está relacionado à noção de identificação no espaço de cada objeto territorial. Nesse aspecto, vale diferenciar com os estudantes lugar de local. “O local é o referenciamento frio, feito pelas coordenadas geográficas, ao qual esse princípio se refere. Já o lugar se estabelece pelas relações sociais que ali se firmam. É determinado pela identidade, pela afetividade e pelo sentimento de pertencimento”, explica Laércio.

7

ORDEM

Trata-se de um olhar sobre o ordenamento territorial, que se relaciona com os usos do território. Para que os estudantes coloquem em prática esse princípio, é preciso conduzi-los a uma análise sobre decisões política e de planejamento territorial, que implicam a passagem de uma determinada estrada por uma localidade específica e não por outra. O princípio também está relacionado aos fins políticos que influenciam obras e construções e que estimulam migrações.



CAPÍTULO 4 // EXEMPLO PRÁTICO

Confira uma atividade que usa a Copa do Mundo para falar de imigração

Torneio foi o mote encontrado pelo professor Endrigo Pascoal Gonçalves para levar os estudantes a refletir sobre o impacto dos deslocamentos populacionais, com especial atenção à questão da xenofobia

TEXTO: RITA TREVISAN

Para discutir os processos de imigração na Europa, a situação dos refugiados, o intercâmbio cultural entre as nações e a xenofobia, o professor Endrigo Pascoal Gonçalves, da EMEF Rodrigues Alves, na cidade de São Paulo, usou a Copa do Mundo como tema de uma atividade. O professor buscava aumentar a motivação dos estudantes do 9º ano para pesquisar sobre essas questões e queria estimulá-los a posicionar-se criticamente sobre essas questões.

Assim, para desenvolver uma sequência didática, que os alunos pudessem compreender com facilidade, o professor Endrigo considerou a realidade da comunidade escolar. “Como na escola temos diversos estudantes bolivianos, e a temática dos venezuelanos no Brasil também tem merecido destaque na mídia, resolvi dar ênfase a esses aspectos ao tratar dos deslocamentos no espaço e das imbricadas relações que se estabelecem a partir daí”, diz.

NA PRÁTICA

A seguir, veja como o professor desenvolveu a sequência didática, em etapas:

ETAPA 1

OBJETIVO – A proposta era identificar entre as seleções os jogadores imigrantes (ou descendentes de imigrantes) e refugiados.

ESTRATÉGIA – O professor pediu aos estudantes que pesquisassem, em casa, sobre as seleções de cada país com o objetivo de levantar essas informações. Cada aluno pesquisou uma seleção. Após esse levantamento inicial, os alunos indicaram um jogador imigrante ou refugiado e fizeram uma pesquisa mais aprofundada sobre aquele atleta, indicando condição atual, origem, trajetória profissional e outros fatos.

INTERVENÇÃO DO PROFESSOR – Nessa etapa, o papel do professor foi o de apoiar as pesquisas feitas na Internet. “Alguns estudantes tiveram dificuldade de encontrar informações e, juntos, buscamos sites que trouxessem esses dados e que, ao mesmo tempo, fossem fontes confiáveis”, explica Gonçalves.

ETAPA 2

OBJETIVO – Produzir um texto com resumo das informações pesquisadas.

ESTRATÉGIA – Após finalizar toda a etapa de investigação, cada estudante escreveu um texto biográfico sobre o jogador escolhido. Os registros foram expostos na Feira Cultural promovida pela escola.

INTERVENÇÃO DO PROFESSOR – Os estudantes foram orientados na seleção de dados a serem incorporados ao texto.

ETAPA 3

OBJETIVO – Customizar um mapa com as bandeiras dos países cujas seleções contavam com jogadores imigrantes.

ESTRATÉGIA – Os estudantes, trabalhando em grupo, projetaram o mapa no papel craft e, em seguida, pintaram com as bandeiras dos países pesquisados.

INTERVENÇÃO DO PROFESSOR – Sem interferir na atividade prática, o professor apenas retirou dúvidas pontuais dos alunos quanto às representações cartográficas.

ETAPA 4

OBJETIVO – Estudar, mais a fundo, a questão dos refugiados, estabelecendo comparativo com a situação desse grupo populacional no Brasil.

ESTRATÉGIA – O professor apresentou aos estudantes um episódio da série *Profissão Repórter* com o tema refugiados.

INTERVENÇÃO DO PROFESSOR – Após a apresentação do vídeo, Endrigo discutiu com os alunos a questão dos refugiados e introduziu o tema xenofobia, ligando-a ao crescimento da extrema-direita na Europa. Nas aulas subsequentes, os alunos estabeleceram um paralelo com a questão dos refugiados e o contexto político brasileiro.

ETAPA 5

OBJETIVO – Consolidar os saberes adquiridos.

ESTRATÉGIA – Na etapa final, o professor pediu que os estudantes elaborassem uma produção cultural, de escolha livre, representando os conhecimentos adquiridos na sequência didática: um quadrinho, um poema, um *slam*, uma música etc.

INTERVENÇÃO DO PROFESSOR – “Os alunos foram avaliados durante todo o processo quanto à participação e à produção apresentada. Para a avaliação final, pensei em algo em que eles pudessem posicionar-se de modo crítico, expressando a visão que construíram sobre os conteúdos que foram acessados”, diz.

QUAIS COMPETÊNCIAS FORAM TRABALHADAS?

Por meio da sequência proposta, o professor trabalhou com várias competências específicas do componente descritas na Base, são eles:

Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.

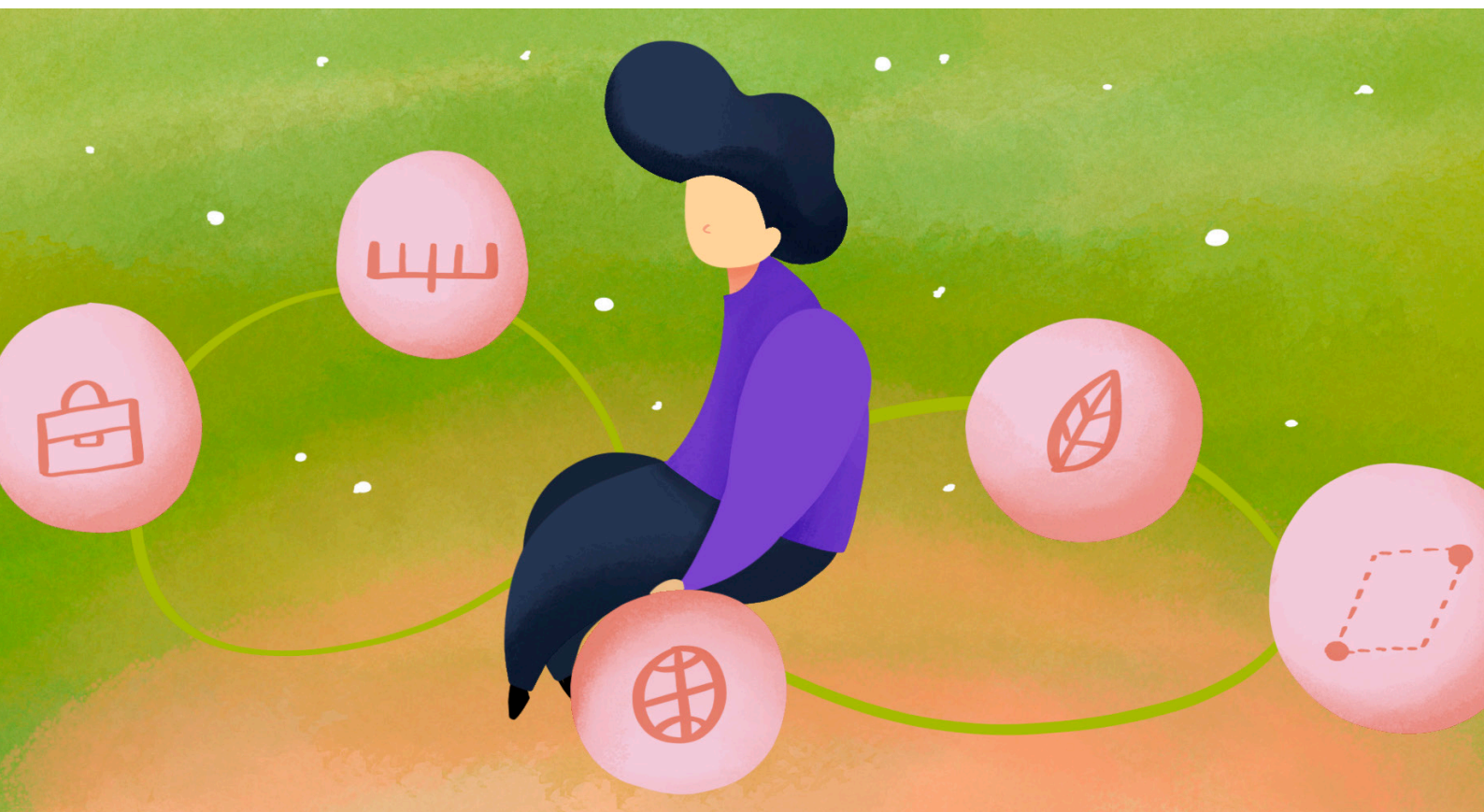
Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.

Avançar com o pensamento espacial, usando linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

Ampliar e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio

técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.

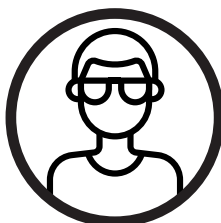
Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.



CAPÍTULO 5 // ANÁLISE DA ESPECIALISTA

Opinião: BNCC aumenta ênfase da cidadania no ensino de Geografia

Por meio de cinco unidades temáticas, componente é o cabedal para a construção da cidadania plena



Heitor Antônio Paladim Jr.,
Doutor em geografia pela USP, assessor curricular e
analista de obras didáticas, docente da UNIP.

● livro “*Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*”, publicado na década de 1970 pelo francês Yves Lacoste, é essencial para a Geografia. O autor abaliza a Geografia e apresenta duas delas, uma do Estado-Maior, com bastante rigor científico, e outra escolar, a geografia dos professores.

Segundo Yves, a Geografia escolar poderia ser assinalada como enfadonha, pois trabalhava apenas com práticas de memorização nas atividades de sala de aula. A revelação perpetrada pelo estudioso resultou em movimentos por parte da comunidade de geógrafos e geógrafas, que passou a repensar o currículo de Geografia desde o universo infantil até o superior. Era preciso aproximar a ciência mais elaborada do ensino aprendizagem nas escolas e mudar as maneiras de ensinar Geografia, para que o componente ficasse mais atraente.

Essas movimentações e quereres, que perduraram por décadas no país, desembocaram nos PCNs e na BNCC. Junte-se a isso a necessidade de romper algumas dicotomias que eram tradicionais na

ciência, a mais comum era a separação entre a geografia humana e a geografia da natureza.

A BNCC de Geografia apresenta, por meio de competências e habilidades específicas, assim como por meio de cinco unidades temáticas, o cabedal para a construção da cidadania plena.

A BNCC dá ênfase a uma das principais características do Componente: ser uma ciência dos encontros e diálogos. Proponho uma breve reflexão a partir das unidades temáticas:

- O sujeito e seu lugar no mundo;
- Conexões e escalas;
- Mundo do trabalho;
- Formas de representação e pensamento espacial;
- Natureza, ambientes e qualidade de vida.

“POSSIBILITAR A CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA POR MEIO DO CURRÍCULO ESCOLAR EM UM PAÍS TÃO INJUSTO E CONTRADITÓRIO COMO O NOSSO É UM DESAFIO”

Essas unidades necessitam ser notadas enquanto temas que se inter cruzam, não há hierarquia e também não há uma mais importante que outra. Portanto, há um rompimento com aspectos que vêm da linearidade explicativa do mundo. Negam-se as maneiras estanques ou separadas de analisar e entender a realidade. Elas são promotoras de encontros e cada uma em sua especificidade já significa um encontro.

Qual encontro (ou encontros) elas promovem com uma Geografia que se propõe a construir cidadania?

Além de revelarem as categorias importantes das ciências humanas – espaço, tempo, sociedade, natureza, trabalho e cultura –, essas unidades despontam os conceitos e categorias importantes para a geografia: espaço, território, paisagem, região e lugar. Esses conceitos promovem, por sua vez, uma série de procedimentos que são importantes para o papel que o fazer científico possui, é imperativo que os(as) estudantes aprendam a observar, a coligir dados, depois a compará-los, classificá-los, estabelecer generalizações e inferir explicações sobre eles.

Possibilitar a construção de cidadania por meio do currículo escolar em um país tão injusto e contraditório como o nosso é um desafio. Há um mundo a ser gerado para e com as novas gerações e há um planeta a ser descoberto caminhando da curiosidade espontânea dos(das) estudantes para a curiosidade epistemológica. O ensino e a aprendizagem devem ocorrer sem decoreba, com rigor e respeito ao *modus operandi* das ciências. A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer avançar a cidadania e promover encontros. Ocasões e vivências planejadas a partir dessas características são as possibilidades da BNCC.



CAPÍTULO 6 // PARA SE APROFUNDAR

“A alfabetização cartográfica eleva o nível de leitura de mapas e gráficos”, diz especialista

A linguagem cartográfica fica mais complexa sob a perspectiva da BNCC, porém, mais real e próxima da sociedade

ENTREVISTA: RITA TREVISAN

Para o componente de Geografia, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe que todos os estudantes desenvolvam a capacidade de ler e interpretar mapas. A partir do domínio das diferentes formas de representação da realidade, eles devem adotar o raciocínio para resolver problemas e posicionarem-se de forma ativa diante das mais diversas questões da sociedade. Nesta entrevista à NOVA ESCOLA, o educador e geógrafo Murilo Vogt Rossi, mestre em ensino de Geografia pela FFLCH/USP e doutorando em ensino de Geografia pela PPGG/UFPB, sugere alguns caminhos que podem ser trilhados pelo professor para conduzir os estudantes em direção a essa meta desafiadora. Leia:

Como o conceito de alfabetização cartográfica está presente na Base?

Assim como existe o alfabeto de nossa Língua Portuguesa, há o alfabeto da Cartografia, composto basicamente por linha, ponto e área. Essas três formas gráficas compõem qualquer tipo de mapa e sua interação e conjunto dão significado às informações intencionalizadas que o mapa quer mostrar. A Cartografia tradicional se interessa muito por informações de localização e orientação a partir dos mapas e sua leitura. Com a alfabetização geográfica, vamos ter outro nível de leitura de mapas e gráficos, o que permitirá formar um leitor mais reflexivo e crítico, que vê os problemas, analisa e investiga os caminhos para a solução deles. A linguagem cartográfica fica mais complexa sob essa perspectiva, porém, mais real, sendo encarada como uma comunicação visual e uma gramática, metodológica e cognitiva em sua essência.

A alfabetização cartográfica ganhou mais ênfase na BNCC?

Ela está inserida no raciocínio geográfico, este, sim, bem trabalhado na Base Nacional Comum Curricular. E, a meu ver, a BNCC avançou ao evidenciar o raciocínio geográfico, a partir das formas de representação e pensamento espacial, fundamentais já nos anos iniciais. Outra mudança positiva foi o estabelecimento da relação entre o sujeito e seu lugar no mundo, readequando as escalas de trabalho do professor de Geografia, que anteriormente costumava utilizar escalas pequenas, tais como planisfério. Mas dessa forma o estudante mal entende um mapa, pois não consegue se apropriar daquilo em sua vivência. Não é proibido trabalhar com escalas pequenas, claro, não é isso que eu quero dizer, mas é importante relacionar a temática geográfica com a base cartográfica e a realidade do aluno. E é isso que a BNCC propõe.

Que tipos de atividades vão facilitar o exercício de interpretação e produção de representações próprias no espaço, por parte do estudante?

O professor tem de sugerir trabalhos diversificados com os mapas. O primeiro

passo é ampliar o acesso do estudante ao mapa, deixar ele manipular, virar em outros sentidos, utilizar o corpo na orientação etc. Se o acesso for feito em um meio digital, o professor pode apoiar o aluno no momento de lidar com essas novas plataformas, para buscar mais conhecimento. O segredo está em deixar o aluno conhecer, se entusiasmar, ficar curioso a respeito dos mapas. Só assim o aluno conseguirá interpretar o mapa por meio de sua leitura e, num segundo momento, produzi-lo.

De que recursos o professor pode se valer para apoiar o estudante nesse processo?

Os recursos disponíveis. Para a produção de uma maquete, por exemplo, ele pode utilizar sucata e materiais descartáveis. Caso o professor tenha a disponibilidade de usar o computador e a internet, a interface Google (mapas ou Terra) e alguns programas básicos de SIG gratuitos. Outra dica é o site do

“COM A ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA, VAMOS TER OUTRO NÍVEL DE LEITURA DE MAPAS E GRÁFICOS, O QUE PERMITIRÁ FORMAR UM LEITOR MAIS REFLEXIVO E CRÍTICO”

Murilo Vogt Rossi

IBGE, que tem uma sessão só de mapas escolares, inclusive disponibilizando mapas mudos (em branco, só com o contorno) para os próprios estudantes desenharem.

Qual é a importância de que os estudantes tenham contato com diversos tipos de representação do espaço?

O aluno precisa conhecer seu mundo, sua realidade, utilizar seu corpo para aprender suas funções motoras e espaciais. Isso ele ainda não aprende na educação tradicional, nem na Geografia e nem nas outras disciplinas. E principalmente hoje, com a digitalização, o aluno tem que conhecer diferentes tipos de representações, tais como mapas impressos, maquetes, apps cartográficos, plataformas digitais cartográficas etc. Com isso, ele pode começar a perceber seu mundo de uma forma diferente, refletindo sobre os mapas como uma representação da realidade, numa escala reduzida. Um mapa não é a realidade, mas ele pode representar muitos fatos da realidade e até

ajudar o aluno a resolver dilemas de sua comunidade, por exemplo.

Como estimular o estudante a produzir suas próprias representações?

Trabalhos manuais e no computador, em geral, são bastante estimulantes. Elencar um tema para trabalhar em grupo, se possível, organizado como projeto de escola e interdisciplinar, escolhendo um assunto que tenha a ver com a realidade local, é algo que também motiva os estudantes. Mas transformar um mapa mental produzido pelo aluno em maquete ainda é minha atividade preferida, pois ajuda a desenvolver diferentes níveis de reflexão, permite alcançar uma aprendizagem significativa e ativar níveis de cognição fundamentais para o desenvolvimento pessoal e científico dos estudantes.

Como deve ser a avaliação desses conceitos, ou das habilidades desenvolvidas por parte dos estudantes, nesse processo de alfabetização?

O professor pode fazer um acompanhamento constante dos grupos e das discussões, propondo atividades escritas, manuais, tecnológicas e orais, que podem ser avaliadas com mais calma, e outras que podem ser avaliadas no dia a dia, a todo o momento do processo pedagógico. É importante o professor se apropriar do tempo do processo educativo, ou seja, saber quando intervir ou não, possibilitando oportunidades para que os estudantes resolvam as questões propostas de uma forma mais independente ou autônoma; em outros momentos, é a figura da ação do professor dar orientações, ajudar e aconselhar.

CAPÍTULO 7 // DICAS PARA SUA FORMAÇÃO

O que ler para se preparar para a BNCC de Geografia

NOVA ESCOLA seleciona livros, artigos e vídeos que ajudam a colocar em prática os novos conceitos trazidos pela BNCC

// LIVROS

***Cartografia escolar*, de Rosângela Doin de Almeida (org.), Editora Contexto, 224 págs.** — Diversos especialistas sugerem metodologias para fomentar a produção e o uso de mapas na sala de aula, de forma sistemática, com jovens e crianças.

***Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola*, de Rosângela Doin de Almeida (org.), Editora Contexto, 120 págs.** — Traz sugestões de como os professores podem auxiliar seus alunos na leitura de mapas e no desenvolvimento da própria capacidade de localização no espaço.

Educação geográfica: teorias e práticas docentes, de Sonia Castellar (org.), Editora Contexto, 168 págs. – Propõe um amplo debate nas áreas de Pedagogia e Metodologia do Ensino, trazendo abordagens baseadas em pesquisas acadêmicas contemporâneas que ajudam a aproximar o conhecimento geográfico do cotidiano escolar.

Primeiros mapas: como entender e construir, vol. 4, de Maria Elena Simielli, Editora Ática – Faz parte de uma coleção cujo objetivo é facilitar a interpretação, a construção e o uso adequado dos mapas pelas crianças. Acompanha caderno de atividades.

// ARTIGOS

Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental – Destaca a importância de se aprender geografia nas séries iniciais do ensino fundamental, a partir da leitura do mundo, da vida e do espaço vivido. Considera também os conteúdos do Componente como uma das maneiras de contribuir na alfabetização da criança.

A BNCC para o ensino de geografia: a proposta das ciências humanas e da interdisciplinaridade – Trata das implicações do uso da terminologia Ciências Humanas para o ensino de Geografia e das possíveis consequências para a formação inicial de professores.

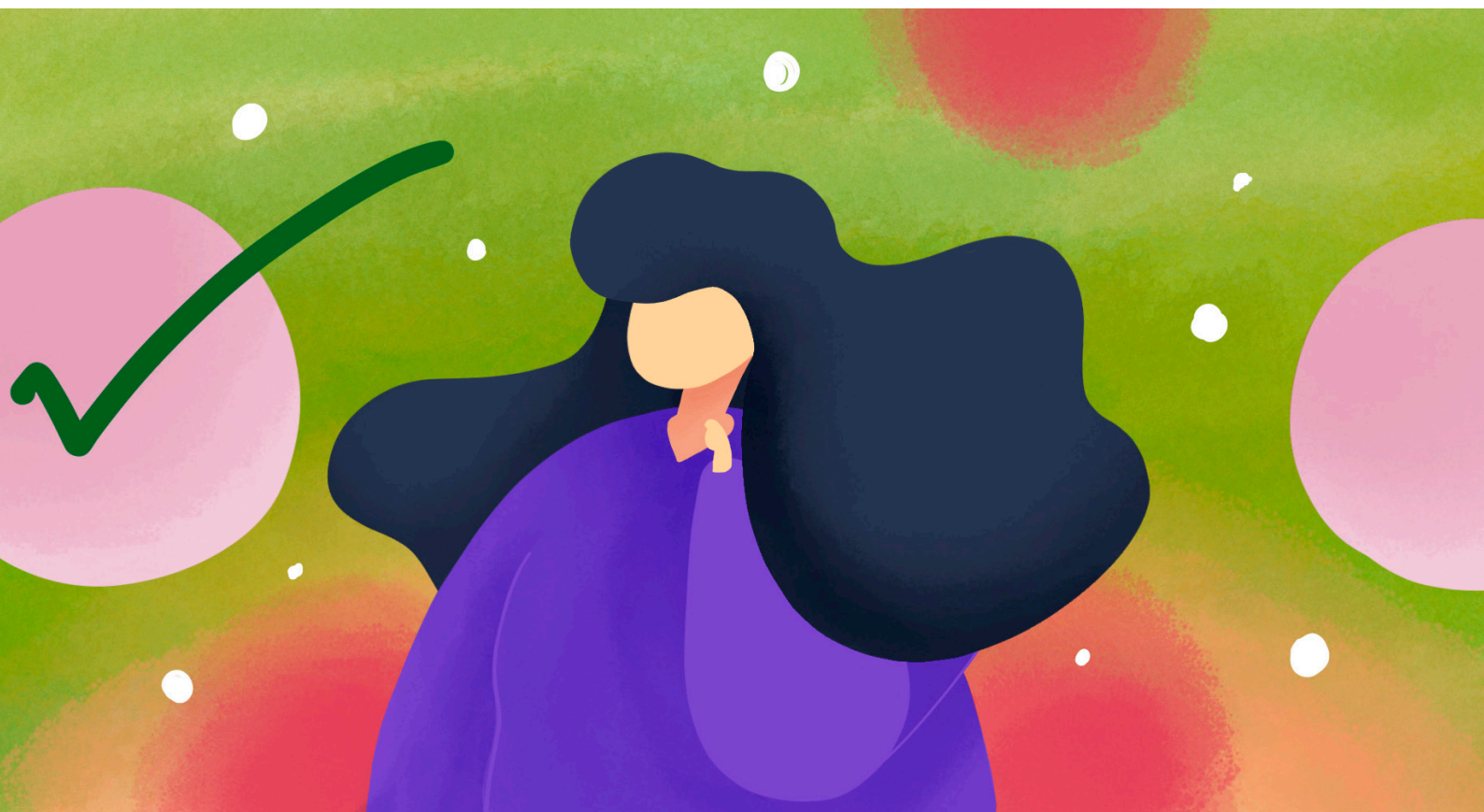
O ensino de Geografia como prática espacial de significação – Analisa o papel do Componente na formação de alunos críticos, reflexivos, capazes de operar os conhecimentos geográficos na vida cotidiana.

Série especial sobre cartografia – Série elaborada por Nova Escola, com apoio pedagógico da professora Rosângela Doin de Almeida, livre-docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e autora de diversos livros sobre o tema.

// PARA ASSISTIR NA INTERNET

A Terra vista do espaço – Imagens em alta definição do Planeta Terra, capturadas pelo astronauta Jeff Williams, da Nasa, durante sua missão na Estação Espacial Internacional, em 2016.

Cartografia - Coordenadas geográficas – Vídeo animado com explicação do que são coordenadas geográficas, latitudes, longitudes, paralelos e meridianos.



CAPÍTULO 8 // TESTE SEUS CONHECIMENTOS

Nove questões para responder e entender a BNCC de Geografia

Veja o que você já sabe e o que precisa aprender para orientar suas aulas

1 De acordo com a BNCC, a educação geográfica tem importante papel na formação do conceito de identidade de todos os alunos.

VERDADEIRO

FALSO

2 As unidades temáticas organizadoras são analogia, diferenciação, conexão, distribuição, extensão e localização.

VERDADEIRO

FALSO

3 Na BNCC, o componente de Geografia foi dividido em cinco unidades temáticas.

VERDADEIRO

FALSO

4 Os mapas são a forma de representação ideal do espaço, para fazer avançar, nos estudantes, o raciocínio geográfico, diz a BNCC.

VERDADEIRO

FALSO

5 Em escalas, o melhor é trabalhar o espaço próximo e conhecido do aluno, para facilitar o entendimento.

VERDADEIRO

FALSO

6 O princípio da conexão está relacionado às características naturais e de ocupação do espaço e à forma como os objetos se repartem nesse espaço.

VERDADEIRO

FALSO

7 Levar os estudantes a estabelecerem relações mais elaboradas, conjugando natureza, ambiente e atividades antrópicas, em distintas escalas e dimensões.

VERDADEIRO

FALSO

8 As unidades temáticas devem ser abordadas isoladamente, em sequências ou projetos desenvolvidos para esse fim.

VERDADEIRO

FALSO

9 “Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência...”

é uma das competências do componente de Geografia.

VERDADEIRO

FALSO

RESPOSTAS

1-V // 2-F // 3-V // 4-F // 5-F
// 6-F // 7-V // 8-F // 9-V

nova

escola

QUER APRENDER
MAIS SOBRE A **BNCC**?

BNCC.NOVAESCOLA.ORG.BR



REALIZAÇÃO:

associação

nova

escola

CO-REALIZAÇÃO:

FUNDAÇÃO

Lemann

